

Redução do superávit dos países devedores

ESTADO DE S. PAULO

preocupa os bancos

14 JUN

NICHOLAS D. KRISTOF
DO N.Y. TIMES

NOVA YORK — Ao mesmo tempo em que comemoram o êxito da Argentina, que conseguiu chegar a um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), os bancos internacionais estão cada vez mais preocupados com um problema que poderá atingir graves proporções. Trata-se da constante redução dos superávits comerciais dos países devedores.

Os maiores devedores da América Latina estão importando mais e exportando menos este ano, de maneira que têm menos dinheiro disponível para pagar os empréstimos. Com resultado de superávits comerciais menores em 1985, países como Argentina, Brasil, México e Venezuela necessitarão de novos empréstimos para saldar parte de suas dívidas mais antigas. Demandas de novos empréstimos preocupam muitos bancos, principalmente os menores, regionais, que atualmente querem o menor envolvimento possível com a América Latina.

O superávit comercial conjunto da Argentina, do Brasil, do México e da Venezuela — de longe os maiores devedores da América Latina — caiu 24% em relação aos níveis do ano passado, segundo dados reunidos pelo The Morgan Guaranty Trust Co. "As tendências da exportação são inquietantes", declarou o banco numa recente circular.

As importações aumentaram quando as economias latino-americanas se recuperaram de profundas recessões. Os preços menores do petróleo prejudicaram a receita de exportação de países produtores de petróleo como o México e a Venezuela. O Brasil, por sua vez, aboliu determinados subsídios para as exportações.

Os superávits comerciais menores fazem a solução da crise da dívida parecer mais distante. Alguns chegam a afirmar que a solução parece agora fantástica. Por exemplo, o programa argentino junto ao FMI e os recentemente anunciados empréstimos dos governos ocidentais ajudarão a pagar os juros relativos a outros empréstimos. Mas a dívida total argentina vai aumentar, e a única maneira pela qual este país será capaz de pagar o principal, além de contrair novos empréstimos, seria

1985

gerando enormes superávits comerciais.

PERSPECTIVAS

Muitos especialistas observam que 1984 foi um ano extraordinariamente bom para as exportações latino-americanas e dificilmente será repetido. Mesmo com isso alguns bancos se mostraram encorajados pelas cifras, a ponto de começarem a acreditar que os países em desenvolvimento seriam capazes de encontrar uma saída para a crise da dívida através das exportações. Se um retorno do crescimento doméstico criar uma onda de importações que diminua os rendimentos conseguidos pelo comércio externo — como parece estar acontecendo — esta possibilidade sofrerá séria redução.

O Brasil, o maior país devedor no mundo em desenvolvimento, registrou um superávit comercial de US\$ 12 bilhões no ano passado. Este ano seu superávit deverá ser de aproximadamente US\$ 10 bilhões abaixo do suficiente para cobrir todas as obrigações externas. O resultado é que o País provavelmente terá de usar suas reservas ou emprestar um pouco, afirmam os especialistas. Isto representaria uma reviravolta em relação ao otimismo registrado em fins do ano passado, mas os especialistas fazem questão de enfatizar que o Brasil, basicamente, continua em boas condições.

DECEPÇÃO

"Alguns bancos estavam com expectativas de um melhoramento contínuo no comércio externo — com o superávit comercial brasileiro passando de US\$ 12 para US\$ 15 bilhões e assim por diante — isto evidentemente era muito pouco realista," declarou Komal S. Sri-Kumar, responsável pelo The Country Risk Consulting Service em Nova York. "É óbvio que quem partiu dessa premissa deve estar preocupado."

William R. Cline, do Instituto de Economia Internacional em Washington, disse que o desempenho comercial em deterioração poderá levar tanto o México como o Brasil a procurar novos empréstimos em 1986 ou ainda este ano. "E a possibilidade do pedido de empréstimo — após um ano sem esse tipo de solução — poderá representar uma surpresa desagradável para muitos bancos pequenos e de tamanho médio", disse.